

# CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História  
da Universidade de Lisboa

25

CH  
CENTRO DE HISTÓRIA



MHNIN AEIDE ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

poder faraónico num contexto em que permaneceu (com algumas interrupções) cerca de três mil anos, acabando por se desvanecer com a anexação romana. É importante referir, ainda, que esta obra continua um louvável processo de publicações nacionais sobre o Antigo Egipto. Em suma, o rigor e o método observado neste livro tornam a sua leitura imprescindível, sobretudo para aqueles que, como nós, se interessam e entusiasma com este tipo de ensaios sobre os temas da política, ideologia, cultura e propaganda do Egipto faraónico, mormente os que se dedicam ao período dos Ptolomeus.

**Eduardo Ferreira**

*Universidade de Lisboa, Centro de História*

**FERNANDO FERNÁNDEZ PALACIOS** (2014), *Assurbanipal, un rey asirio ilustrado*. Cuenca, Editorial Alderabán, 184 pp. ISBN 9-788495-414564 (20.00€).

O Autor do volume que aqui recenseamos é doutorado em Geografia e História pela Universidade Complutense de Madrid, na especialidade de História Antiga, tendo já publicado diversos textos sobre a realeza do Império Neo-assírio, entre outros temas. A presente monografia é dedicada a um dos mais famosos reis assírios, o requintado e cruel Assurbanípal, que reinou entre 668-630 a. C.

Aos agradecimentos (p. 11) segue-se um breve prólogo (pp. 13-15) da autoria de Federico Lara Peinado, professor catedrático da Universidade Complutense de Madrid e conhecido especialista na fulcral matéria aqui tratada, sobre um monarca e um povo da Antiguidade pré-clássica, «considerado de mala reputación – a la vista de la Biblia y de no pocos de sus magníficos e inquietantes relieves – pero en cualquier caso de compleja historia, todavia no desvelada en su totalidad».

Na introdução (pp. 17-23) o Autor enumera as várias obras dedicadas ao assunto por ele estudado, algumas das quais serviram de base para o seu texto, desde as fontes mais antigas, como Heródoto (apesar de o texto do escritor grego estar pejado de erros), Beroso (sacerdote babilónio do século III a. C.), e as próprias fontes assírias, apesar de também não oferecerem crédito em muitos passos, a começar pelos chamados «Anais de Assurbanípal», os quais «producen más confusión que claridad».

O capítulo I apresenta «El marco geográfico, humano y histórico» (pp. 25-30), e aqui o leitor fica a conhecer o essencial da geografia da região do Alto Tigre e as zonas envolventes que então faziam parte do vasto Império Neo-assírio, remontando a tempos mais antigos quando a região era conhecida como Subartu. Um aspeto que irá moldar a formação da Assíria e até a mentalidade do seu povo é a ausência de fronteiras naturais, facilitando a

penetração (por vezes de cariz violento) de povos nómadas que motivaram fases de intranquilidade e de perturbação no reino tigrino. Merecem destaque as grandes cidades, a começar por Nínive (perto da qual fica hoje a cidade de Mossul) e Assur, que foram grandes capitais da Assíria, cuja história sucinta é apresentada, desde a dinastia dos *waklu*, ou «moradores de tendas» (cerca de 2150-2000 a. C.), aos sargónidas.

No capítulo II revemos o percurso incerto do jovem herdeiro Assurbanípal até à sua subida ao trono, em competição com outros candidatos, num tempo de agitação e de violência na corte (pp. 31-37). Um dos problemas estruturais da Assíria era a questão da sucessão, resolvida em geral com uma série de assassinatos entre os membros da família real até sobrar um herdeiro do trono. Já o avô de Assurbanípal, o cruel Senaquerib (705-681 a. C.) tinha resolvido pela força e habilidade o problema da sua sucessão, que coube a Assarhadão (681-669 a. C.), e este, por sua vez, repartiu o império entre Assurbanípal (que era o terceiro filho do rei) e Chamach-chumukin, dois irmãos que em breve iriam ficar inimigos. As fontes desse tempo sugerem que o jovem Assurbanípal recebeu uma educação requintada, sobretudo no domínio da escrita e da leitura de textos, mesmo os mais antigos da Suméria (o que implicava saber sumério), e que beneficiou do decisivo apoio de sua avó, a enérgica rainha Zakutu.

«La complicada coyuntura política» é o tema do capítulo III (pp. 39-40), quer a nível interno quer externo. O novo rei começou por concluir as operações de conquista do Egito, iniciada por seu pai, se bem que a longa distância entre o coração da Assíria e o país do Nilo levasse, pouco depois, à evacuação das tropas assírias. Quanto ao interior do país, a política de deportações em massa levada a cabo pelos seus antecessores levou a que se forjasse uma amálgama de gentes, línguas e culturas, sendo o aramaico a língua mais usada, mesmo ao nível da administração.

Com o capítulo IV (pp. 41-68) ficamos a conhecer a inquietante lista dos muitos «Enemigos a batir», desde o Egito, a «cana partida», como lhe chamavam os Assírios, a Babilónia (com a revolta de Chamach-chumukin), algumas cidades portuárias da Síria-Palestina, o Urartu, um reino montanhoso situado a norte, e que já havia sido castigado por Sargão II, o País do Mar, no Sul da Mesopotâmia, e o Elão, que sucumbiu depois de vários anos de tenaz resistência. Este capítulo trata ainda das relações entre a Assíria e outros países e povos: Medos, Persas, Arameus, Árabes, além de «países exóticos» e de nómadas como os Cimérios e Citas.

Os complexos mecanismos de poder são analisados no capítulo V (pp. 69-83), e aqui se percebe como o rei assegurava o firme poder no Império, ele que era visto como vigário do deus Assur, a quem os países vizinhos e as regiões dominadas deviam temer, sendo as relações definidas através de tratados *adé* (que, naturalmente, beneficiavam a Assíria). A unidade do Império era garantida pelo rei, e a instituição monárquica era, ao mesmo

tempo, a força e a debilidade da Assíria. São enumerados os diversos cargos de âmbito militar e administrativo, a organização do clero e o papel da religião, o papel do exército, os instrumentos táticos, a administração central e a organização provincial, os recursos económicos e o funcionamento do sistema fiscal.

O capítulo VI sintetiza as «Nociones generales de arte» (pp. 85-86), avultando a arquitetura com os seus palácios e templos, com influências anteriores da Acádia e mais recentes da Síria (com o pórtico conhecido por *bit-hilani*), a escultura e o uso de placas de pedra que revestiam as paredes de adobe, mas não se lê nada sobre a pintura (embora escassa, revela alguns indícios), a estatuária (também com poucos exemplares) e as artes decorativas, com destaque para os metais e os marfins, que não são referidos.

Podemos apreciar os palácios de Nínive, especialmente o palácio do norte, no capítulo VII (pp. 87-98), cujo modelo foi o palácio de Nimrud (Kalakh) construído por Salmanasar I e aumentado por Assurnasirpal II (883-859 a. C.), onde foram encontrados magníficos baixos-relevos (um dos quais está no Museu Calouste Gulbenkian). Merece justificado destaque o programa de construções levado a cabo por Assurbanípal, desde a capital a outras cidades do Império, com os típicos e apotropaicos *lamassu* protegendo a entrada de templos e palácios e a temática das placas que revestiam as paredes.

Com o capítulo VIII entramos nas bibliotecas de Nínive (pp. 99-104), uma entre os vários estabelecimentos do género encontrados nas ruínas de espaços urbanos antigos no Médio Oriente (Mari, Ugarit, Alalakh e Ebla). O culto e letrado Assurbanípal acabou por seguir uma tradição que já vinha de reis anteriores na criação de bibliotecas, tendo as escavações no local revelado a existência de mais de 30 000 tabuinhas e fragmentos, cujo estudo tem revelado aspetos fundamentais da história, cultura, religião, mitologia, administração, política internacional, sendo de sublinhar que muito do que hoje se sabe sobre a literatura suméria se deve à sua conservação na biblioteca de Nínive.

A religião é o assunto abordado no capítulo IX (pp. 105-111), conhecendo-se o essencial acerca do culto e dos ritos oficiais e quase nada sobre a religião popular. Claro que o grande deus era Assur, cultuado a par de Chamach, Ninurta, Adad, Sin, Nabu, Bel (Marduk), e entre as deusas avultava Istar. A cerimónia mais importante era a festa do Akitu, ou do Ano Novo (que podia ser celebrada em qualquer altura do ano), onde o rei assírio tinha um papel de destaque.

O capítulo X é dedicado à personalidade do monarca (pp. 113- 116), visto como um homem amante do luxo, ambicioso e cruel, mas que não é diferente dos monarcas anteriores. Ele era, enfim, um homem do seu tempo, como lembra o Autor, para quem a sua «constituición enfermiza» acabou por empurrar para o mundo das letras e da ciência (ele gabava-se de poder solu-

cionar difíceis problemas de divisão e multiplicação), além de ser possuidor de um gosto muito refinado e um caráter infatigável.

No capítulo seguinte vemos Assurbanípal como político (pp. 117- 121), à frente de um país dotado de um poderoso exército que servia os interesses de uma monarquia absoluta fortemente centralizada. O rei era o supremo sacerdote do deus Assur, geria as questões judiciais e administrativas, liderava o exército ou delegava a sua autoridade no *turtanu* (um general), e controlava «muy de cerca todos los resortes del poder».

O capítulo XII recorda a vida cotidiana durante o reinado de Assurbanípal (pp. 123-128), pesando muito a defesa da integridade familiar e da propriedade, com certo domínio da monogamia (embora pudessem existir concubinas recrutadas entre as jovens escravas). É analisada a escravatura, a vida social, a alimentação, as diversões e a habitação, com evidentes diferenças entre as casas simples da população em geral e os palácios dos reis e dos grandes senhores.

O direito e a ciência constam no capítulo XII (pp. 129-132), concluindo-se que a legislação assíria se preocupava bastante com o detalhe e que as leis eram mais severas que as suas congêneres vizinhas, nomeadamente as de Babilónia. Sabe-se que o direito consuetudinário da Assíria foi compilado pelo rei Tiglatpileser I (c. 1115-1077 a.C.), reunindo leis anteriores, e é graças aos arquivos reunidos por Assurbanípal em Nínive que ficamos inteirados sobre os principais aspetos da legislação. Quanto à ciência, que tinha uma longa tradição na Mesopotâmia, desde o tempo dos antigos Sumérios, ficou-se com uma ideia razoável dos conhecimentos dos letrados e sacerdotes assírios no âmbito da astrologia, do calendário e da medicina.

No capítulo XIV o Autor lembra o que foi o final do reinado de Assurbanípal e os tempos pouco documentados que não permitem hoje, à luz dos dados disponíveis, ter uma ideia abalizada (pp. 133- 135). Ficam-nos por isso várias conjecturas que Fernández Palacios vai reportando e analisando.

E se o final do reinado de Assurbanípal continua envolto em incertezas, o tempo que se seguiu também não está definitivamente esclarecido, como bem se percebe com o último capítulo (pp. 137-141), no qual desfilam perante nós os trágicos eventos que se remataram com a queda de Assur e de Nínive, caminhando a par e passo a decadência e queda da Assíria com a ascensão da Babilónia e do Império Medo.

Na conclusão (pp. 143-144) o Autor lembra que Assurbanípal herdou problemas estruturais de ordem político-militar que foi resolvendo até meados do seu reinado. Para a segunda fase temos menos dados, mas parece que as tensões entre o clero e poder real se terão avolumado, as rivalidades entre os membros das classes privilegiadas também se agudizaram. Com o grande rei assírio desapareceu o fulgor de um dos mais notáveis impérios que existiram sobre a Terra, sendo Assurbanípal recordado como uma figura histórica relevante, «para bien o para mal de la Humanidad».

O volume remata com uma lista dos monarcas contemporâneos de Assurbanípal (pp. 145-146), onde constam reis de Babilónia, do Egito (Taharka e Psametek I, tendo faltado no meio Tanutamón), do Elam, de Judá (devendo aqui ser emendadas as datas do reinado de Josias: 640-609 e não 640-639) e de Urartu, completada na p. 147 com a cronologia, a qual vai desde o período assírio antigo (c. 2000-1750 a. C.) até à morte de Assurbanípal, ocorrida em 627 a. C. (contradizendo a data indicada no prólogo por Lara Peinado, que refere o ano 630 a. C.). Seguem-se as referências a tratados internacionais assinados no reinado de Assurbanípal, de acordo com as fontes assírias (p. 149), mais os tratados domésticos de 672 a. C. (promoção de Assurbanípal e de Chamach-chumukin) e de 669 a. C. (ascensão de Assurbanípal ao poder supremo na Assíria). Finalmente, na p. 151 constam algumas fontes epigráficas, e na p. 153 a genealogia dos últimos reis da Assíria, desde Sargão II a Assuretelilani e Sinchariskun, filhos de Assurbanípal.

Segue-se a bibliografia (pp. 155-167) e um apêndice bibliográfico (pp. 169-171), as ilustrações (pp. 173-181) e o índice geral (p. 183), fechando uma obra que será útil para estudantes e público em geral.

**Luís Manuel de Araújo**

*Universidade de Lisboa, Centro de História*

**ANTÓNIO DE FREITAS** (2015), *Os deuses e a origem do mundo*. Lisboa, Quetzal Editores, 146 pp. ISBN978-989-722-227-6 (14.40€).

O presente volume define-se a si mesmo como sendo uma antologia de textos cosmogónicos, “que têm sido considerados fundamentais para a nossa civilização que, ainda chamada “ocidental”, descansa sobre os ombros de várias civilizações reconhecidas como “orientais”, em particular do chamado Próximo Oriente” (7-8). Ao longo dos 14 pequenos capítulos que compõem a obra, foram reunidos extractos de variada extensão para uma dúzia de unidades literárias de tema mais ou menos cosmogónico, intercalando com algum outro capítulo a servir de introdução ou de transição. Uma dúzia de temas pertencentes a outras tantas unidades literárias ficam a representar essencialmente as literaturas do Próximo Oriente (Mesopotâmia, Palestina e Anatólia) e finalmente da Grécia, acrescentando um texto da literatura védica, proveniente da Índia. Este concentrado de perspectivas cosmogónicas tem o seu núcleo de identidade situado em torno às civilizações antigas do Mediterrâneo. A própria Mesopotâmia não desdiz dessa pertinência cultural. É uma zona que tem implicadas cumplicidades ao nível da civilização partilhada e da sua mitologia fundamental, muito conotada com o espaço imaginário do Mediterrâneo.